

## OS FINANCIAMENTOS DO FNE NO NORDESTE EM PERÍODOS DE EXPANSÃO E DE RECESSÃO ECONÔMICA

**Jane Mary Gondim de Souza**

Economista, Doutora em Economia Regional e Desenvolvimento Territorial, Banco do Nordeste.  
janemgs@hotmail.com. (85)988709566.

### RESUMO

O objetivo desse trabalho foi analisar a dinâmica de participação dos estados, setores e atividades econômicas nos financiamentos concedidos pelo BNB em períodos de expansão e de recessão da economia brasileira, visando fornecer subsídios para uma aplicação mais eficiente dos recursos. Os dados para a elaboração do trabalho foram coletados da base do ativo operacional do Banco do Nordeste no período de 2010 a 2019, abordados por segmento temporal (2010-2014 e 2015-2019), representando, respectivamente, o período de expansão e de recessão da economia brasileira. O trabalho foi realizado para cada estado do Nordeste, com cortes por setor de atividade e atividade econômica, calculando-se o percentual de recursos destinados a cada atividade dentro dos financiamentos concedidos ao respectivo estado, com recursos do FNE, em períodos distintos. Os resultados mostraram que o FNE tem contribuído para dinamizar a economia dos estados, financiando atividades que contemplam a vocação de cada um deles e financiando, em maior proporção, os estados mais desenvolvidos (Bahia, Pernambuco e Ceará), nessa ordem. Percebe-se que, ao longo do tempo, a destinação dos financiamentos dentro dos setores não muda, e, portanto, não contempla de forma significativa financiamento para atividades inovadoras e de cunho tecnológico.

**Palavras-chave:** Comparação. Setor. Expansão. Recessão. Economia

### INTRODUÇÃO

O Banco do Nordeste do Brasil, como banco de desenvolvimento, administra o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), instrumento de grande importância para o financiamento de atividades produtivas na Região Nordeste. Pelo montante de recursos públicos envolvidos, além da abrangência de sua atuação, a aplicação desses recursos requer uma avaliação de sua execução frente aos resultados obtidos ao longo do tempo. Desde sua criação, em 1989, os recursos do FNE têm apoiado muitas empresas, independente da conjuntura econômica, seja ela de recessão ou de expansão.

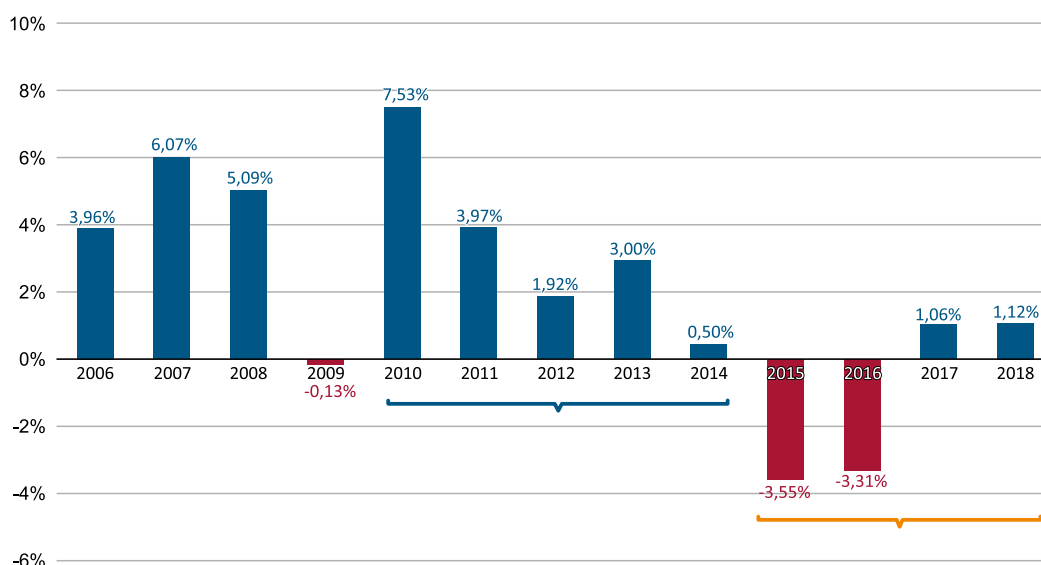
Nesse contexto, é importante frisar que, depois da crise econômica mundial de 2008/2009, a economia brasileira apresentou variação negativa, recuperando-se a partir de 2010. Entretanto, verificou-se que, desde meados de 2011, houve um processo de desaceleração, e que em 2014 essa tendência se agravou, levando o Brasil a uma recessão.

#### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Avaliação de Políticas e Programas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo); Maria ODETE Alves; ELIZABETH Castelo Branco; IRACY Soares Ribeiro Maciel; JANE Mary Gondim de Souza; LUIZ FERNANDO Gonçalves Viana; Maria INEZ Simoes Sales; PEDRO Costa de Castro Ivo (bolsista de Nível Superior). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, excluindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

Figura 1 - PIB do Brasil – variação anual (%)



Fonte: IBGE. Informações disponíveis no SGS - Sistema Gerenciador de Séries Temporais, no site do Banco Central.

A economia brasileira viveu um ciclo de crescimento econômico no período de 2010 a 2013, com incremento anual real médio do PIB de 2,3%. Esse período refletia uma situação de grandes superávits das contas externas, em razão dos preços das *commodities* e do humor externo favoráveis às economias emergentes, cujos benefícios foram sentidos (VIDAL; ALVES, 2017). O crescimento do PIB nacional no período 2010-2014 foi corroborado pela expansão econômica em todas as regiões do País, tendo o PIB do Nordeste crescido 3,6%.

A partir de 2013, os preços das *commodities* começaram a cair no mercado internacional gerando termos de troca desfavoráveis ao Brasil. Ainda que tenham sido adotadas políticas expansionistas que induziram o aumento do crédito, mediante redução da taxa de juros e aumento do gasto público, isso não foi suficiente para arrefecer o início do ciclo recessivo a partir de 2014.

A profundidade da recessão da economia brasileira no período mais recente é o resultado, entre outras coisas, de um conjunto de choques de oferta e de demanda que foram ocasionados por erros de política econômica cometidos principalmente no período em que foram adotadas políticas que formaram a “Nova Matriz Econômica” (NME). Esses choques produziram uma redução da capacidade de crescimento da economia brasileira e risco de insolvência das finanças públicas.

A redução da taxa de crescimento do PIB foi acompanhada de redução da taxa de investimento em 4,8% e da menor taxa de crescimento do consumo nos últimos anos, com crescimento de somente 2,3% no ano de 2014. No entanto, somente após a disparada do risco país em 2015 se observa a forte contração de consumo e investimento na economia do País (BARBOSA FILHO, 2017).

Essencial para manter a saúde das empresas, o financiamento, seja para capital de giro como para investimentos em equipamentos ou expansão, nem sempre é acessível para pequenos e médios empresários. Embora a maior parte dos bancos ofereça linhas de crédito específicas para implantação de novos negócios, capital de giro e investimentos, a limitação de acesso a esses recursos é ainda maior em momentos de fraca atividade econômica, já que os bancos ampliam as exigências para reduzir o risco de calote.

O BNB, por se tratar de banco de desenvolvimento, detém dinâmica de empréstimos diferenciada, principalmente em comparação aos bancos privados. Por exemplo, o maior volume de recursos do FNE foi emprestado no segundo período, ou seja, durante a recessão. A relevância deste fato remete à importância de se analisar a dinâmica de participação dos estados, setores e atividades econômicas nos financiamentos do Fundo, em ambos os períodos atravessados pela economia brasileira (expansão e recessão).

A importância deste estudo é a contribuição para o conhecimento do que vem sendo gerado nos estados a partir dos financiamentos, em diferentes conjunturas, uma vez que a eficiente aplicação desses recursos é o que vai proporcionar resultados positivos capazes de contribuir para o desenvolvimento de cada município beneficiado. Conhecer a forma como se elegem as atividades a serem financiadas,

principalmente em períodos de recessão econômica, pode facilitar a busca de soluções inovadoras. É importante, ainda, saber se os financiamentos beneficiam sempre as mesmas atividades nos estados, de acordo com a vocação do município, independentemente do nível da atividade econômica do momento ou, se em períodos de recessão, há o surgimento de novas atividades capazes de gerar mais emprego. Adicionalmente, se busca observar se houve crescimento dos financiamentos em determinado setor econômico em períodos de expansão econômica ou de recessão.

## 1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para atingir o objetivo proposto foi a comparação entre os períodos de expansão e de recessão econômica, verificando as mudanças ocorridas nos níveis de financiamento em cada um deles.

Todas as análises se referem somente aos estados da Região Nordeste, ainda que a área de atuação do BNB inclua o Norte dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Os dados para a elaboração do estudo foram coletados da base de dados do ativo operacional do Banco do Nordeste no período de 2010 a 2019.

A coleta de dados foi realizada para cada estado do Nordeste, com cortes por setor de atividade e atividade econômica, calculando-se o percentual de recursos destinados a cada atividade dentro dos financiamentos concedidos ao respectivo estado em períodos distintos.

Todos os valores foram atualizados para o ano de 2019, utilizando o IGP-DI. As análises foram abordadas por segmento temporal (2010-2014 e 2015-2019), que representam os períodos de expansão e recessão da economia brasileira, respectivamente. Esses intervalos de tempo foram selecionados em razão de fazerem parte de um período recente e se encaixarem no objetivo da pesquisa, qual seja, conterem períodos de expansão e recessão econômica.

Optou-se, ainda, por analisar separadamente o setor de infraestrutura em razão de envolver grandes valores de financiamento, o que proporcionaria um resultado distorcido, quando analisado em conjunto com os demais setores econômicos. Dessa forma, a partir do item 2 todas as análises excluem esse setor, sendo o mesmo analisado separadamente no final do trabalho

## 2 OS EMPRÉSTIMOS DO FNE – VISÃO GERAL

O FNE aplicou em toda a Região Nordeste, no período de 2010-2014, o valor real, corrigido para 2019, de R\$ 77,3 bilhões, excluindo as aplicações em infraestrutura (R\$ 6,7 bilhões). O estado que mais recebeu recursos foi a Bahia (23,7%), seguido de Pernambuco (17,5%) e do Ceará (15,9%), perfazendo, juntos, 56,7% dos recursos. Os estados menos beneficiados foram Alagoas e Paraíba, com apenas 5,1% dos recursos cada um (Tabela 1).

No período de recessão (2015-2019), em valores reais de 2019, o valor financiado foi de R\$ 70,2 bilhões.

Percebe-se que as maiores reduções se deram em Pernambuco (-25,9%), seguida de Sergipe e Ceará. Por outro lado, a Bahia teve uma variação positiva significativa (21,1%). Observou-se decréscimo de 9,2% no volume total de recursos aplicados entre os dois períodos,

Tabela 1 – Participação percentual dos estados nos financiamentos do FNE na Região Nordeste - Período 2010-2014 e 2015-2019 (1)

ESTADO	2010-2014 (%)	2015-2019 (%)	VARIAÇÃO (%)
AL	5,1	4,4	-13,7
BA	23,7	28,7	21,1
CE	15,9	13,4	-15,7
MA	11,7	13,2	12,8
PB	5,1	6,1	19,6
PE	17,5	13,1	-25,1
PI	8,9	10	12,4
RN	6,3	6,6	4,8
SE	5,8	4,5	-22,4

Fonte: BNB (2020).

Valores efetivamente contratados por cada estado do Nordeste, que tenta seguir a Programação do FNE.

O percentual de recursos destinado a cada estado da Região se baseia na proposta de aplicação de recursos elaborada, anualmente, pelo Banco do Nordeste por meio da Programação do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste. A programação contempla, dentre outros aspectos, as diretrizes e prioridades do governo federal, além dos planos estaduais de aplicação de recursos. São consideradas, ainda, as potencialidades e oportunidades de investimentos identificadas conjuntamente com os órgãos governamentais e as entidades públicas e privadas, bem como a distribuição histórica das aplicações do FNE e o marco regulatório dos fundos constitucionais.

A Região Nordeste se compõe de estados em diferentes níveis de desenvolvimento e de oportunidades de negócios, além de diferentes graus de participação do PIB e da população no total da Região, conforme se pode observar na Tabela 2 onde se apresenta, para cada estado, a média do período estudado. A Bahia se destaca como o estado com maior população (26,7%) e o que mais contribui para o PIB do Nordeste com uma média de 28,5%, seguido por Pernambuco e Ceará.

A economia do Estado da Bahia é diversificada, com atuação nas atividades da agropecuária, indústria, mineração, turismo e serviços. É o maior produtor de soja, algodão, café, cacau, coco e banana no Nordeste (IBGE, 2017). Entre as 20 maiores empresas baianas, nove companhias são da área de petróleo, petroquímica, gás e energia, três da área de celulose, três da área de mineração e uma do setor de borracha – sendo todas produtoras de insumos e matérias-primas (Jornal A Tarde de 03/10/2019). No que se refere ao setor de comércio e serviços, quatro empresas baianas estão entre as maiores do País: Atakarejo e Le Biscuit (varejo); Santa Casa de Misericórdia (saúde); e o grupo TPC (transporte).

Tabela 2 – PIB e População - Participação percentual dos estados na Região Nordeste (Média) – Período 2010-2019

ESTADO	PIB	POPULAÇÃO	FNE
MA	9,26	12,31	10,00
PI	4,51	5,74	8,76
CE	15,30	15,85	15,31
RN	6,88	6,06	6,24
PB	6,50	7,05	5,95
PE	19,00	16,58	14,23
AL	5,33	5,89	4,62
SE	4,72	3,96	4,69
BA	28,50	26,56	22,55

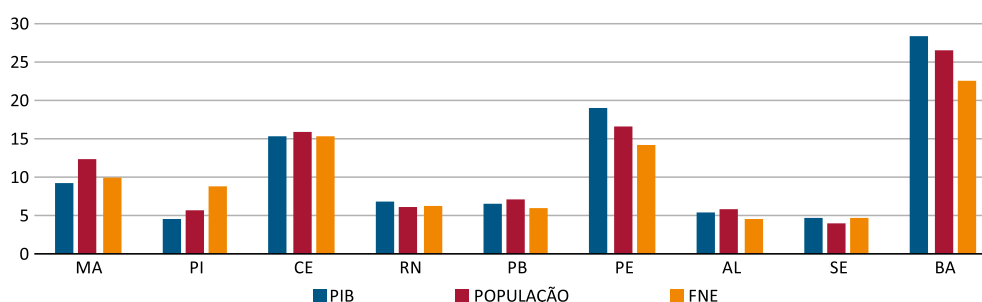
Fonte: IBGE-Sidra e BNB.

\* Valores do PIB (2010-2017).

\* Valore do FNE (2013-2019).

Observou-se que a distribuição dos recursos do FNE acompanha praticamente a mesma ordem de participação de cada estado em termos de PIB e população, com pequenas variações. Dessa forma, verifica-se a imparcialidade na destinação de recursos para cada estado. Destaca-se o Piauí como o único estado cuja destinação de recursos do FNE apresenta percentual maior do que PIB e População (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Média da participação percentual dos estados (PIB, População e FNE)



Fonte: Elaboração própria, a partir de BNB e IBGE-Sidra.

\* Valores do PIB (2010-2017).

\* Valore do FNE (2013-2019).

\* População (2010-2019).

Em uma abordagem por setor de atividade, percebe-se queda dos financiamentos ao setor industrial que se reduziram cerca de 56,6%, em média, entre os períodos de 2010 a 2014 e 2015 a 2019 (Tabela 3), efeito da desindustrialização ocorrida no Brasil. Por outro lado, há um significativo crescimento dos financiamentos voltados para o setor de comércio entre os dois períodos (67,8%)

Tabela 3 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE na Região Nordeste - Período 2010-2014 e 2015-2019

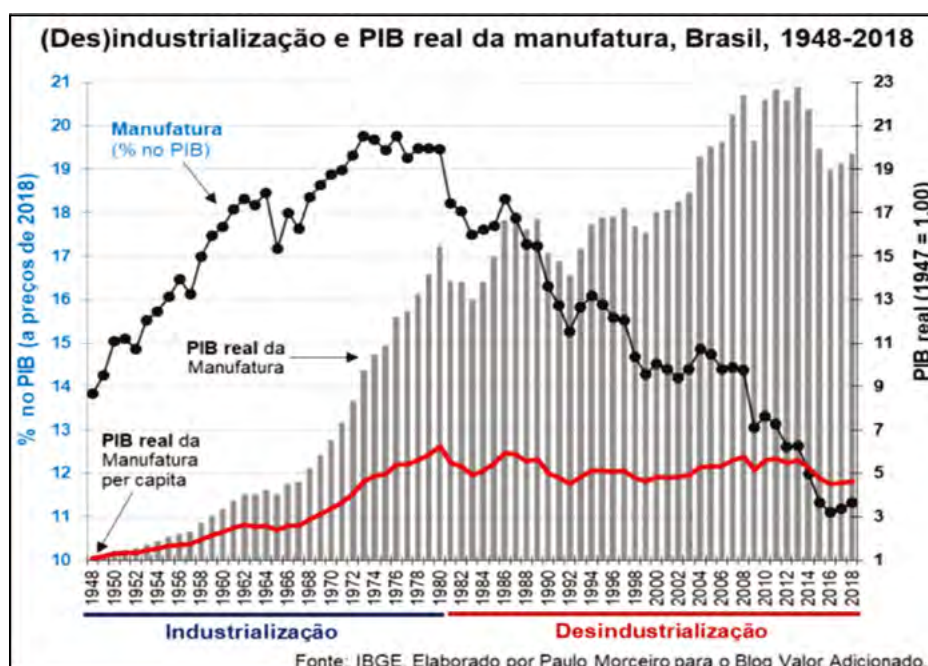
SETOR	2010-2014	2015-2019	VARIAÇÃO (%)
Agrícola	20,7	23,8	15,0
Agroindústria	1,6	1,6	5,3
Comércio	13,7	23,0	67,8
Industrial	29,6	12,8	-56,6
Pecuária	19,5	23,3	19,8
Serviços	15,0	15,4	2,7
<b>Total Geral</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: BNB (2020).

De acordo com o relatório da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, Unctad, divulgado em 2016, o processo de desindustrialização brasileiro foi precoce e teve início com os choques econômicos vividos pelo mercado nacional nos anos 1980, se intensificou com a abertura comercial no começo dos anos 1990, seguido pelo abandono das políticas desenvolvimentistas e pelo emprego da taxa de câmbio como ferramenta no combate à inflação. Depois, a desindustrialização foi favorecida por reformas liberalizantes do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial e, mais recentemente, pela pauta exportadora focada em *commodities*.

De acordo com a Unctad, no começo da década de 1970 a participação das manufaturas na geração de emprego e valor agregado no Brasil correspondia a 27,4%, em valores da época, enquanto em 2014 essa participação caiu para 10,9%.

Gráfico 2 – Desindustrialização no Brasil



No caso do Nordeste, a participação dos estados na produção industrial da Região em relação ao PIB, no período, apresentou uma concentração em três estados: Bahia, Pernambuco e Ceará. A Bahia, mesmo com a perda de participação na última década, ainda detinha cerca 30,0% da produção industrial

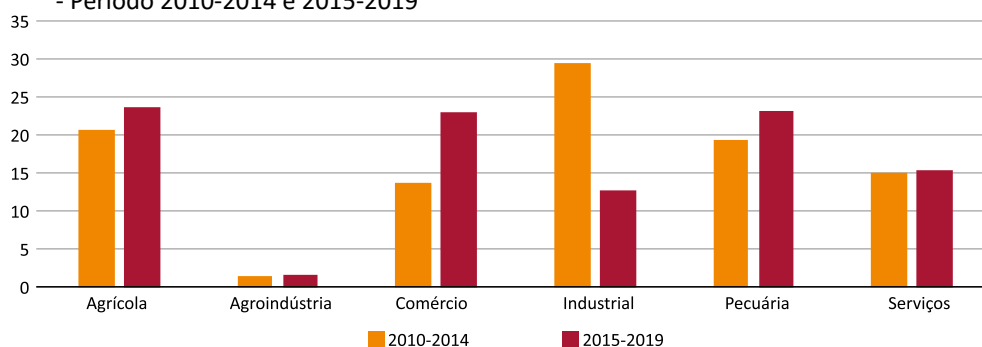
do Nordeste em 2014. O Estado do Ceará apresentou uma trajetória relativamente instável, de modo que, em 2013, possuía uma participação maior que a de 2002, mas, em 2014, esse percentual caiu para 18,7%. Já Pernambuco apresentou ganho expressivo, sobretudo, entre 2010 e 2013. O Estado passou de 18,8% da produção industrial do Nordeste, em 2010, para 25,6% em 2013. Entretanto, sofreu uma queda de quase 3,0 p.p. em 2014 (SILVA, 2019).

Em relação aos demais estados, Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe apresentaram significativas reduções de participação nos últimos anos. Alagoas sofreu sucessivas quedas até 2007, quando iniciou uma recuperação que foi interrompida em 2012, detendo apenas 4,6% de toda a produção industrial do Nordeste. O Rio Grande do Norte passou de 5,2% da produção industrial em 2002 para 3,9% em 2014 e Sergipe passou de 5,4% para 4,2% no mesmo período.

Por outro lado, Maranhão e Piauí apresentaram um aumento de participação na produção industrial regional. Ou seja, enquanto Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe se desindustrializavam, Maranhão e Piauí estavam em processo de industrialização.

É interessante notar, no Gráfico 3, que no período de expansão os financiamentos à indústria se sobressaíram, seguidos da agropecuária. Os demais setores não alcançaram 15,0%. Por outro lado, no período de recessão, enquanto houve grande retração na indústria, o financiamento ao comércio cresceu cerca de 68,0%.

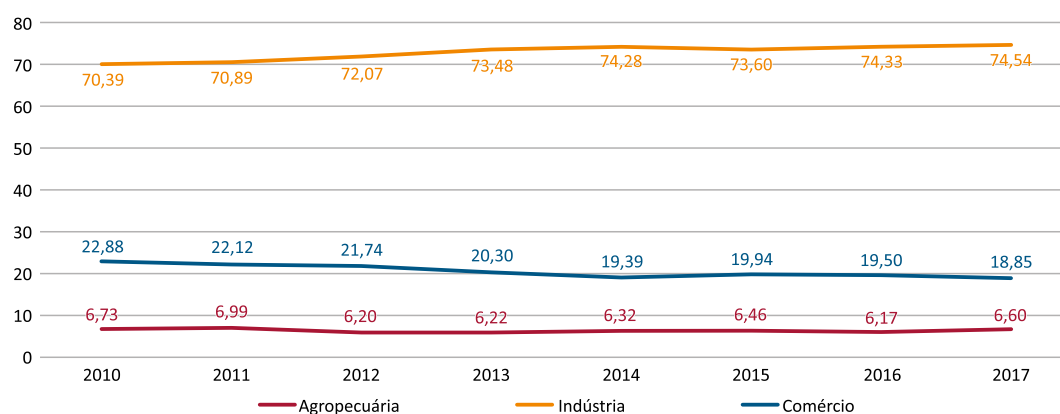
**Gráfico 3 – Participação percentual dos setores econômicos nos financiamentos do FNE na Região Nordeste - Período 2010-2014 e 2015-2019**



Fonte: Elaboração própria, a partir de BNB (2010-2014 e 2015-2019).

O Gráfico 4 mostra que, na Região Nordeste, a participação dos setores no Valor adicionado Bruto ao longo dos períodos teve comportamento semelhante ao dos empréstimos, ainda que em proporções diferentes, apresentando queda na indústria e aumento nas atividades de comércio e serviços, provavelmente puxado pelo comércio.

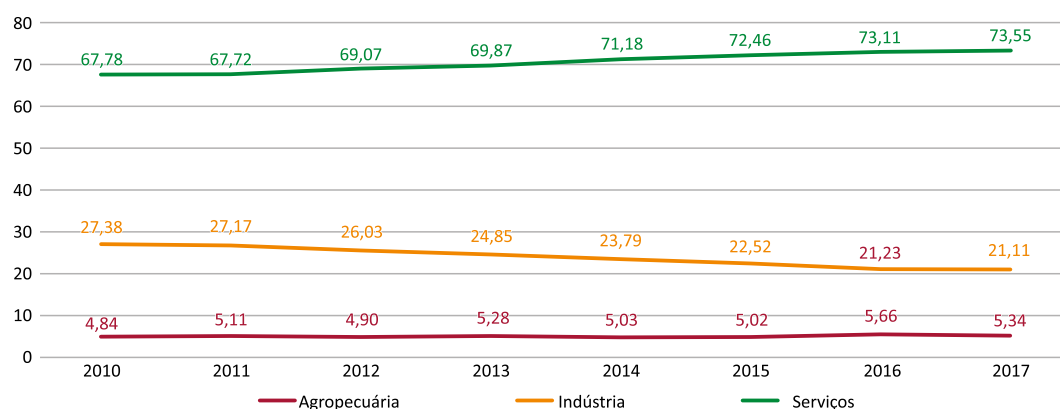
**Gráfico 4 – Participação percentual dos setores no Valor Adicionado Bruto do Nordeste**



Fonte: IBGE-Sidra (2010-2017).

É interessante perceber que a mesma tendência também ocorreu no Brasil quando se analisam os gráficos 4 e 5.

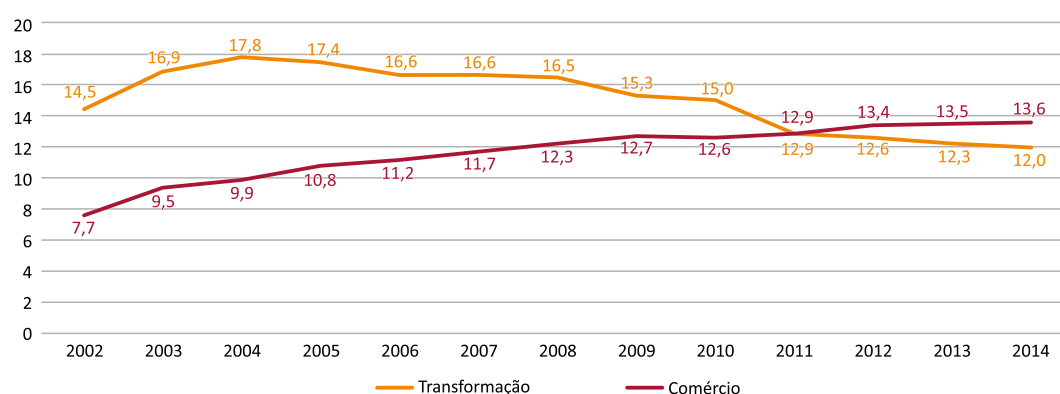
Gráfico 5 – Participação percentual dos setores no Valor Adicionado Bruto do Brasil



Fonte: IBGE-Sidra (2010-2017).

No Gráfico 6, pode-se observar a tendência de crescimento do setor de comércio no Brasil, em contrapartida com a queda da indústria de transformação, mais visível a partir de 2011.

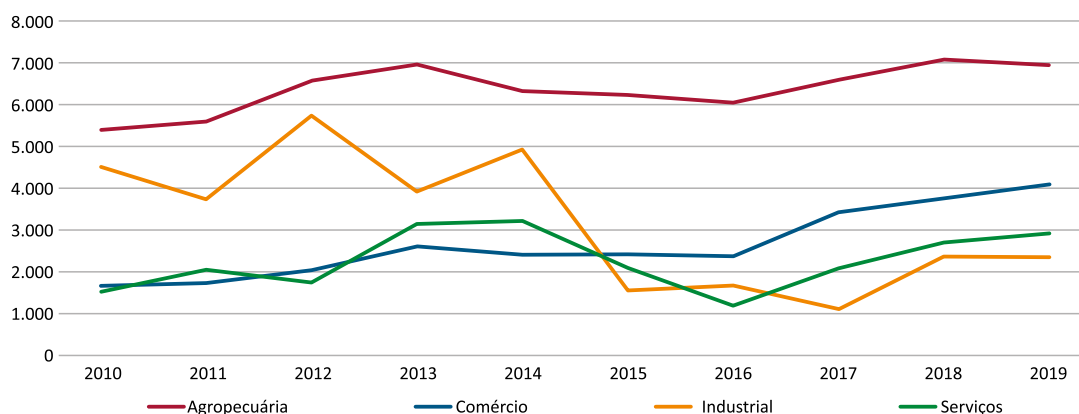
Gráfico 6 – Participação percentual das atividades de indústria e comércio no VA do Brasil



Fonte: IBGE (2020).

Ao analisar ano a ano se pode observar melhor o comportamento dos financiamentos aos demais setores em todo o período, especialmente o crescimento dos financiamentos ao comércio e queda na indústria no segundo período (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Valor financiado por setor de atividade (Em R\$ milhão)



Fonte: Elaboração própria, a partir de BNB (2010-2019).

Em termos percentuais, a variação média dos dois períodos, sem considerar o setor de infraestrutura, demonstra que o setor de comércio continua apresentando forte variação positiva (67,8%) e a agropecuária teve variação positiva, conforme Tabela 4.



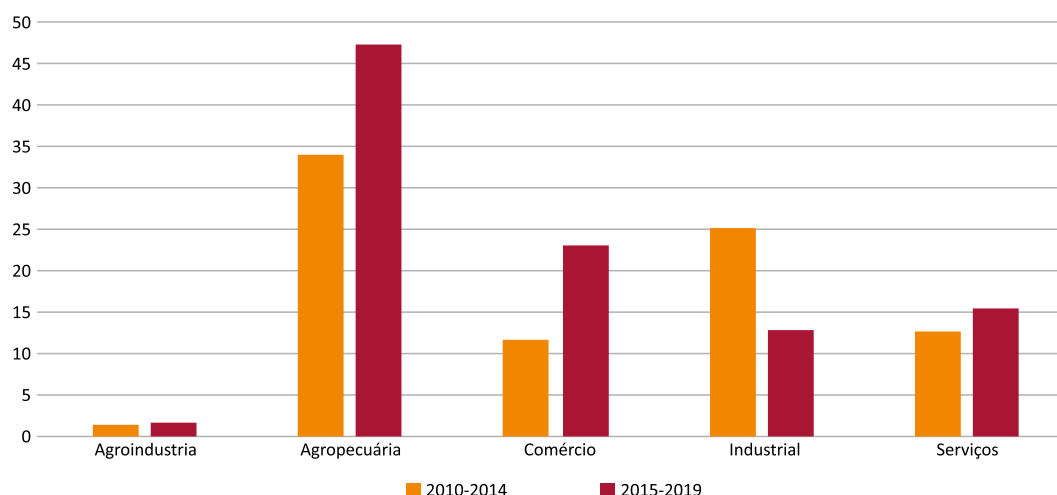
Tabela 4 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE na Região Nordeste - Período 2010-2014 e 2015-2019

SETOR	2010-2014	2015-2019	VARIAÇÃO (%)
Agroindústria	1,56	1,64	5,3
Agropecuária	40,12	47,06	17,3
Comércio	13,72	23,01	67,8
Industrial	29,27	12,84	-56,6
Serviço	15,04	15,45	-2,7
<b>Total Geral</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>0,0</b>

Fonte: BNB (2020).

No Gráfico 8, há uma visualização clara da compensação feita pelo comércio diante da queda dos financiamentos à indústria.

Gráfico 8 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE na Região Nordeste - Período 2010-2014 e 2015-2019



Fonte: BNB (2020).

Com relação às atividades econômicas, as mais financiadas em todos os períodos foram bovinocultura, comércio varejista e grãos (Tabela 5). No primeiro período, houve também significativo financiamento à indústria na atividade de minerais não metálicos, o que já não ocorreu no segundo período.

Entretanto, considerando-se os valores reais financiados, é interessante observar que os financiamentos ao comércio varejista cresceram mais de 30,0% entre os períodos, conforme se havia constatado anteriormente. A bovinocultura, por outro lado obteve uma pequena retração, cedendo espaço para os grãos que obtiveram expressivo crescimento de 33,0%.

Tabela 5 – Principais atividades econômicas financiadas pelo FNE na Região Nordeste - Período - 2010-2014 e 2015-2019 (Em R\$ milhão)

ATIVIDADE	2010-2014	2015-2019	VARIAÇÃO (%)
Bovinocultura	11.039	10.965	-0,7
Comércio Varejista	8.673	11.630	34,1
Grãos	6.869	9.137	33,0

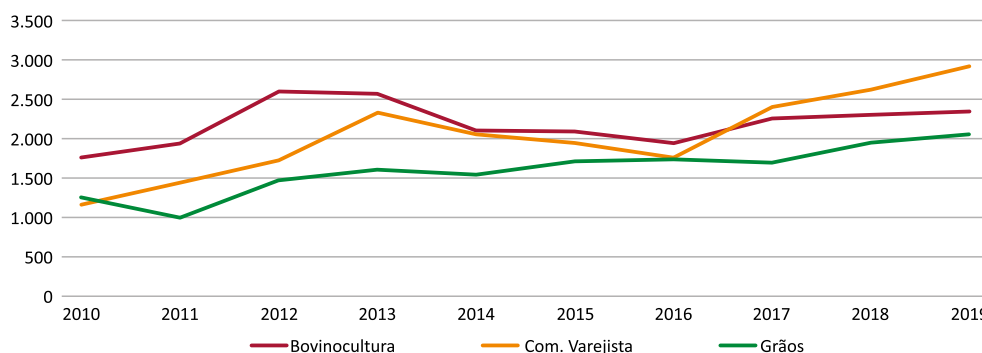
Fonte: BNB (2020).

É importante salientar que essas três atividades, juntas, representam cerca de 34,4% do total de financiamentos concedidos no período de expansão e de 45,2% no período de recessão, significando que a concentração dos financiamentos nas mesmas atividades é algo que se perpetua ao longo do tempo, independente da conjuntura.



No Gráfico 9 é possível observar uma pequena queda dos financiamentos à bovinocultura, em contrapartida ao crescimento contínuo dos grãos e ao expressivo crescimento do comércio varejista, principalmente após o ano de 2016.

Gráfico 9 – Financiamento do FNE às principais atividades na Região Nordeste - Período 2010-2019 (Em R\$ milhão)



Fonte: Fonte: BNB (2020).

A expressiva queda do comércio varejista a partir de 2013 até 2016 se deveu claramente à recessão no País. O ano de 2016 foi considerado um dos piores da história para o comércio varejista no Brasil, ocasião em que foram fechadas quase 190 mil lojas, o que levou a um impacto direto no desemprego (JORNAL DA GLOBO, 2017).

### 3 ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS POR ESTADO E SETOR

A Tabela 6 apresenta o percentual de financiamento destinado pelo FNE a cada estado, por setor econômico, no período de expansão (2010-2014). Observam-se os baixos percentuais para agroindústria em todos os estados, concentrando-se os financiamentos nos setores agropecuário, industrial e de comércio e serviços.

No caso da Agroindústria, 72,0% dos recursos foram aplicados à usina de açúcar e álcool em Pernambuco, Alagoas e Sergipe, além da preparação de banha, carne e salsicha, nos estados de Alagoas e Pernambuco, respectivamente.

Tabela 6 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados - Período 2010-2014

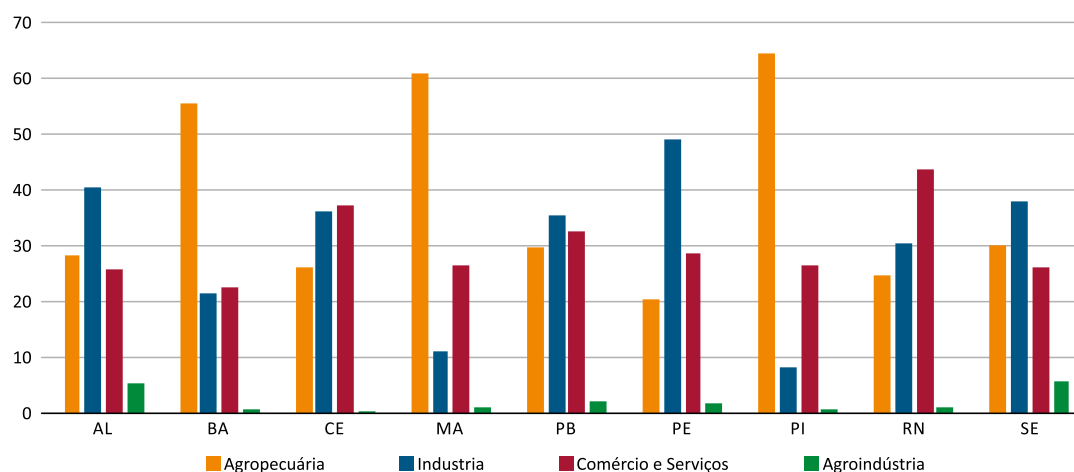
UF	Agropecuária	Industria	Comércio e Serviços	Agroindústria
AL	28,4	40,5	25,8	5,4
BA	55,5	21,4	22,6	0,6
CE	26,2	36,1	37,2	0,4
MA	61,1	11,3	26,6	1,0
PB	29,7	35,4	32,6	2,3
PE	20,3	49,1	28,8	1,8
PI	64,6	8,2	26,6	0,6
RN	24,8	30,5	43,7	1,0
SE	30,0	38,0	26,2	5,7
<b>MÉDIA</b>	<b>37,9</b>	<b>30,0</b>	<b>30,0</b>	<b>2,1</b>

Fonte: Fonte: BNB (2020).

A agropecuária apresenta-se como o setor que, em média, recebeu os maiores percentuais de financiamentos no Nordeste (37,9%) no período analisado. Os estados mais beneficiados com recursos para esse setor foram Piauí (64,6%), Maranhão (61,1%) e Bahia (55,5%), apresentando, por outro lado, os mais baixos percentuais de financiamentos no setor industrial, em confronto com os demais estados do Nordeste.

Nestes três estados, o percentual de financiamentos à indústria, no período, foi de apenas 8,2% para o Piauí, 11,3% para o Maranhão e 21,4% para a Bahia, em relação ao total financiado em cada estado.

Gráfico 10 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados - Período (2010-2014)



Fonte: Fonte: BNB (2020).

Em termos de financiamentos, observa-se, no Gráfico 10, que os estados de Pernambuco (49,1%), Alagoas (40,5%) e Sergipe (38,0%) apresentaram os maiores percentuais de financiamentos do FNE para o setor industrial nesse período. Em Pernambuco, os recursos foram destinados à fabricação de automóveis e caminhonetes em cinco municípios do Estado. Em Alagoas, o principal produto financiado foi a construção e reparo de embarcações para esporte e lazer, em Maceió.

Quanto ao setor de comércio e serviços, apenas o Ceará (37,2%) e o Rio Grande do Norte (43,7%) têm nesse setor o maior percentual de financiamento no período.

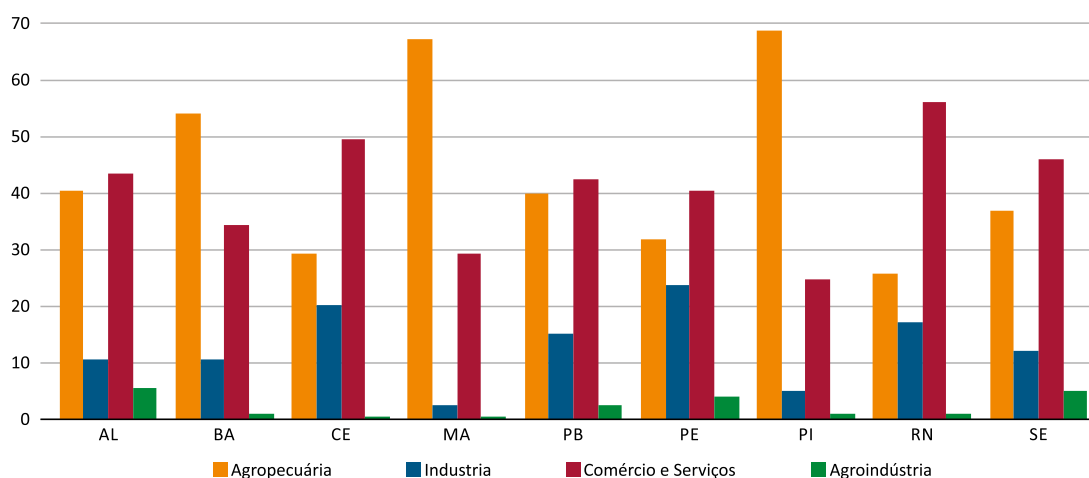
O período de 2015 a 2019 caracterizou-se por uma recessão econômica. O resultado desse processo para o FNE foi uma reorganização dos financiamentos. Nesse período de retração econômica, mesmo com um percentual médio menor que no período anterior, a agropecuária continuou apresentando a maior média nos financiamentos (43,9%), seguida agora pelo Comércio e Serviços (40,8%), conforme mostrado na Tabela 7.

Tabela 7 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados – Período 2015-2019

ESTADO	Agropecuária	Indústria	Comércio e Serviços	Agroindústria
AL	40,4	10,7	43,6	5,3
BA	54,2	10,6	34,3	0,8
CE	29,6	20,3	49,7	0,4
MA	67,3	2,7	29,6	0,5
PB	40,1	15,2	42,3	2,4
PE	32,1	23,8	40,3	3,8
PI	68,8	5,3	24,8	1,1
RN	25,9	17,0	56,3	0,9
SE	36,7	12,2	46,0	5,1
<b>MÉDIA</b>	<b>43,9</b>	<b>13,1</b>	<b>40,8</b>	<b>2,3</b>

Fonte: BNB (2020).

Gráfico 11 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados - Período (2015-2019)



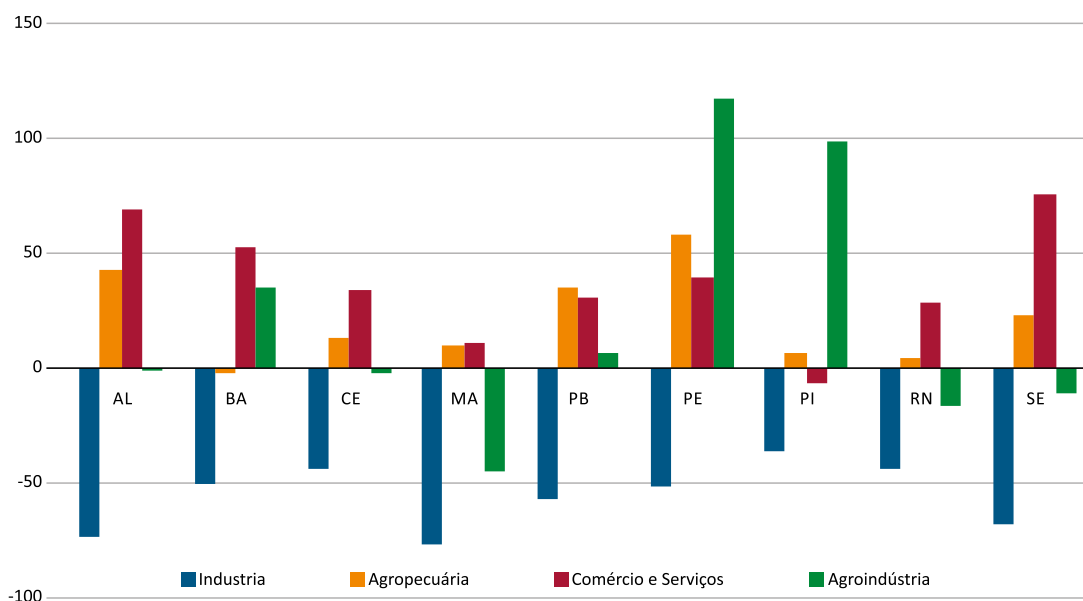
Fonte: BNB (2020).

Comparando os dois períodos e verificando a variação ocorrida entre eles, se pode observar que os financiamentos à agropecuária diminuíram sua participação apenas na Bahia, apresentando variação positiva mais significativa em Pernambuco (Gráfico 12).

O Gráfico 12 mostra o alto percentual de queda do setor industrial em que as maiores reduções se deram no Maranhão (76,5%), em Alagoas (73,6%) e Sergipe (67,9%), enquanto a menor redução percentual se deu no Piauí (35,9%).

Enquanto nos estados de Alagoas e Sergipe os financiamentos à indústria decresceram, houve, em contrapartida, um crescimento nesses mesmos estados de 69,3% e 75,3% no setor de Comércio e Serviços.

Gráfico 12 – Variação percentual do volume de financiamento aos setores entre os períodos de 2010-2014 e 2015-2019



Fonte: Elaboração própria com dados da Base do Ativo.

Comparando-se um período maior de financiamento à indústria, (1998-2009) pode-se observar que a média de períodos anteriores giravam em torno de 21,0% (Tabela 8). No período de 2010-2014, praticamente todos os estados financiaram mais à indústria, e estados como Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Ceará puxaram essa média para cima, atingindo 30,0%. Por outro lado, no período seguinte, a média dos financiamentos à indústria no Nordeste caiu para 8,5%.

No período de 2010-2014, Pernambuco recebeu financiamento de quase 900 milhões para uma **fábrica de automóveis**, no Município de Jaboatão dos Guararapes. Goiana financiou em torno de R\$ 600 milhões para uma **fábrica de vidro** e R\$ 380 milhões para fábrica de automóveis. Paraíba e Sergipe financiaram algo em torno de R\$ 500 milhões e R\$ 640 milhões para **fábricas de cimento**, respectivamente. Alagoas financiou mais fortemente **produtos petroquímicos e resinas**.

Tabela 8 – Participação percentual dos financiamentos à indústria por período

ESTADO	1998-2005	2006-2009	2010-2014	2015-2019
AL	29,5	21,7	40,5	10,7
BA	21,1	19	21,4	10,6
CE	34,4	31,1	36,1	20,3
MA	18,9	12,2	11,3	2,7
PB	22,8	26,6	35,4	15,2
PE	25,8	28,4	49,1	23,8
PI	3,8	4,1	8,2	5,3
RN	15	24,6	30,5	17,0
SE	20,1	26	38,0	12,2
<b>MÉDIA</b>	<b>21,3</b>	<b>21,5</b>	<b>30,0</b>	<b>13,1</b>

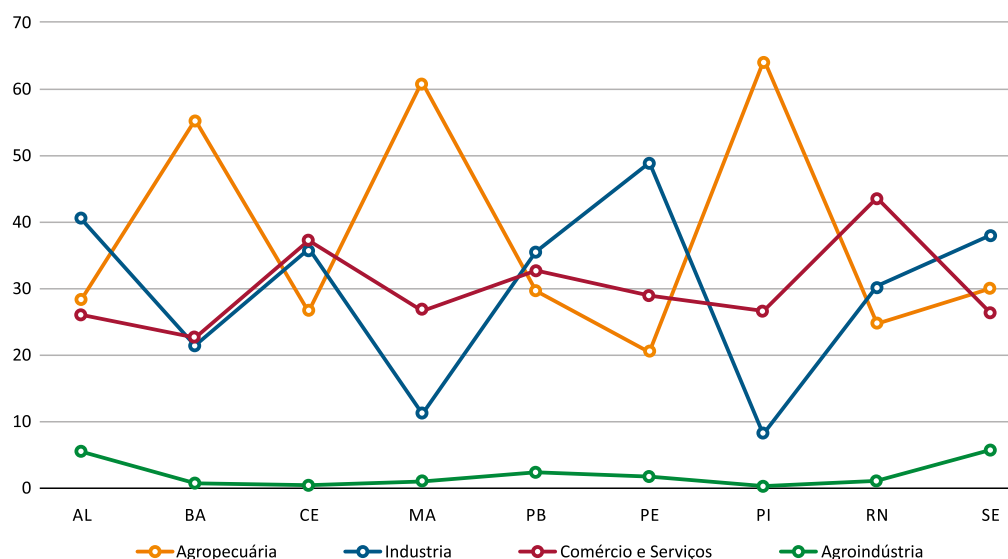
Fonte: BNB (2020).

Com o objetivo de mostrar as diferenças ocorridas entre os dois períodos, no que diz respeito ao comportamento dos financiamentos, criou-se os Gráficos 13 e 14 que permitem uma visão clara dos estados que menos receberam financiamentos para a indústria, que são os mesmos com maior percentual de financiamentos no setor agropecuário, no caso, Piauí e Maranhão.

A Bahia apresentou significativo percentual de financiamento na Agropecuária no primeiro período (48,9%), mas apresentou queda de 26,3% entre os dois períodos, embora esse setor continue sendo importante no Estado.

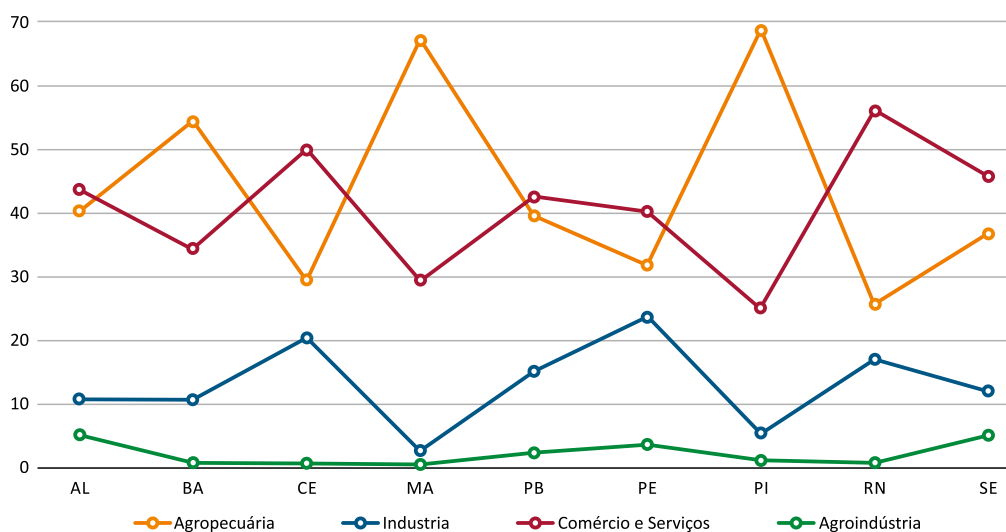
Ao mesmo tempo se observa que o estado de Pernambuco se sobressai como o que mais aplicou na indústria e o que menos aplicou em agropecuária no primeiro período. O setor de comércio e serviços tem uma média de aplicação em torno de 30,0% no primeiro período, passando para uma média de 40,8% no segundo sobressaindo-se o Rio Grande do Norte em ambos.

Gráfico 13 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados - Período (2010-2014)



Fonte: BNB (2020).

Gráfico 14 – Participação percentual dos setores nos financiamentos do FNE aos estados - Período (2015-2019)



Fonte: BNB (2020).

Em resumo, no período de expansão (Gráfico 13), a indústria se apresentou com o maior percentual de participação nos financiamentos, notadamente nos estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Por outro lado, a agropecuária se sobressaiu nos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, em decorrência da produção de soja e algodão.

No período de recessão, ainda que tenha havido queda na indústria em todos os estados nordestinos, todos os outros estados financiaram mais o comércio e serviços.

## 4 ANÁLISE POR SETOR DE ATIVIDADE

### 4.1 Agricultura

No período de 2010-2014 o FNE financiou no Nordeste, para a agricultura, o valor de R\$ 16,0 bilhões em valores reais. Deste total 70,3% se destinaram ao financiamento das principais culturas, conforme Tabela 9.

No período seguinte (2015-2018), a soja e o algodão continuaram sendo as atividades mais financiadas, sobressaindo-se a soja com variação positiva de 30,7% entre os percentuais de participação nos dois períodos. O algodão, por outro lado, apresentou redução de 29,6% de participação. Culturas como o milho e o café também tiveram crescimento de participação nos financiamentos das culturas agrícolas.

Tabela 9 – Financiamentos do FNE à agricultura no Nordeste (Em R\$ milhão)

PRODUTO	2010-2014	(%)	2015-2019	(%)	VARIAÇÃO
Soja	4.882	30,6	6.660	39,9	30,7
Algodão	3.063	19,2	2.252	13,5	-29,6
Milho	1.614	10,1	2.100	12,6	24,6
Café	686	4,3	806	4,8	12,5
Cana	989	6,2	917	5,5	-11,2
<b>TOTAL</b>	<b>11.234</b>	<b>70,3</b>	<b>12.734</b>	<b>76,4</b>	<b>8,6</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>15.971</b>	<b>100</b>	<b>16.673</b>	<b>100</b>	

Fonte: BNB (2020).

No primeiro período, a soja e o algodão absorveram a maior parte dos recursos distribuídos para a agricultura nordestina (49,7%), sendo cultivados nos estados do Piauí, Bahia e Maranhão.

No segundo período, essas duas culturas continuam predominando, agora envolvendo recursos que somam 53,4%, permanecendo seu cultivo nos três estados citados anteriormente. O crescimento do financiamento para soja foi puxado pelo Estado do Maranhão, aumentando 40,1%.

Em termos de participação nos financiamentos dentro dos estados (Gráfico 8), em ambos os períodos a soja se destaca no Piauí, Maranhão e Bahia. No caso do algodão, a Bahia se sobressai tanto no primeiro como no segundo período (Tabela 10).

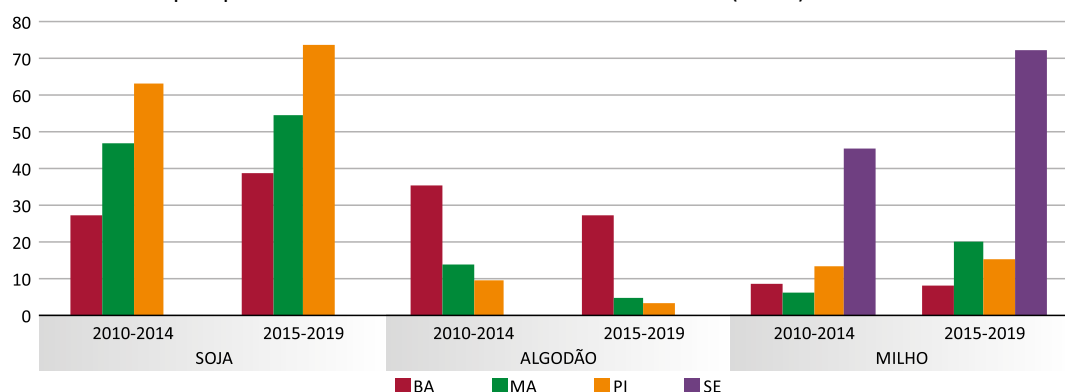
Tabela 10 – Participação percentual dos principais produtos financiados nos estados do Nordeste em relação à produção agrícola do estado

ESTADO	SOJA		ALGODÃO		MILHO	
	2010-2014	2015-2019	2010-2014	2015-2019	2010-2014	2015-2019
BA	27,1	38,7	35,4	27,5	8,5	7,9
MA	46,9	54,5	13,7	5,0	6,2	20,3
PI	63,5	73,6	9,4	3,2	13,6	15,4
SE	0,0				45,4	72,2

Fonte: BNB (2020).

O milho é também uma cultura importante para o Nordeste, sendo cultivado em todos os estados da Região. Analisando a produção agrícola de cada estado, percebe-se a grande importância do milho para o estado de Sergipe com 45,4% dos financiamentos no período de 2010-2014, passando para 72,2% no segundo período (Tabela 10, Gráfico 15).

Gráfico 15 – Principais produtos financiados nos estados do Nordeste (Em %)

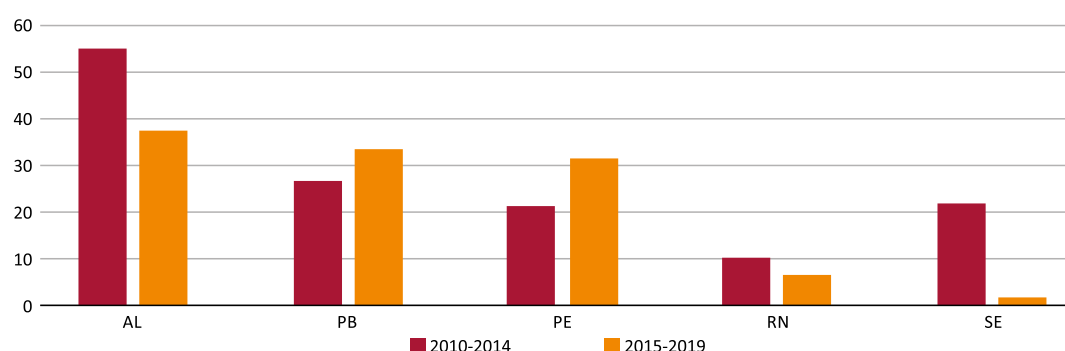


Fonte: BNB (2020).

A cana-de-açúcar é outro produto importante para o Nordeste, sendo financiado principalmente em Alagoas, onde foram aplicados 30,6% e 17,2% dos recursos destinados a esse produto na Região, nos dois períodos, respectivamente.

Quando se analisa a importância do produto dentro do estado em relação à produção dos outros produtos, ela se apresenta como no Gráfico 16.

Gráfico 16 – Participação percentual da cana-de-açúcar nos financiamentos dos estados do Nordeste em relação ao financiamento agrícola para o estado

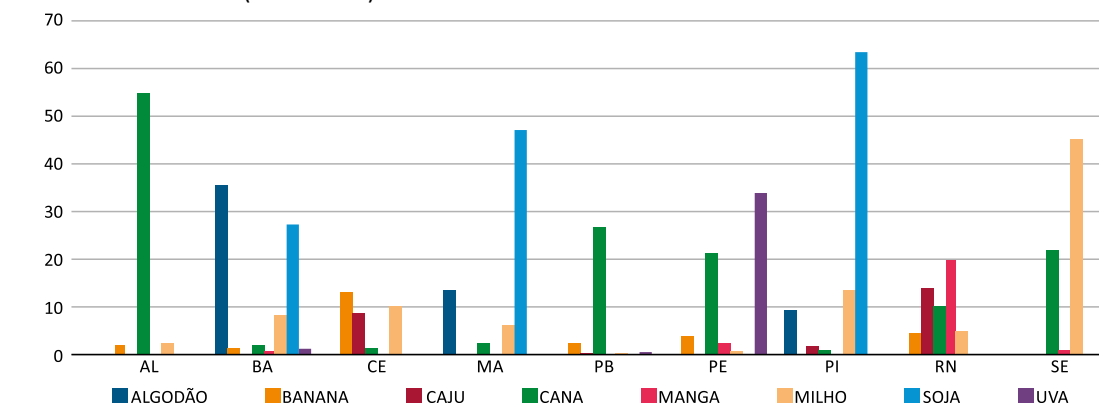


Fonte: BNB (2020)

Observa-se o percentual de participação de cada produto nos financiamentos do respectivo estado.

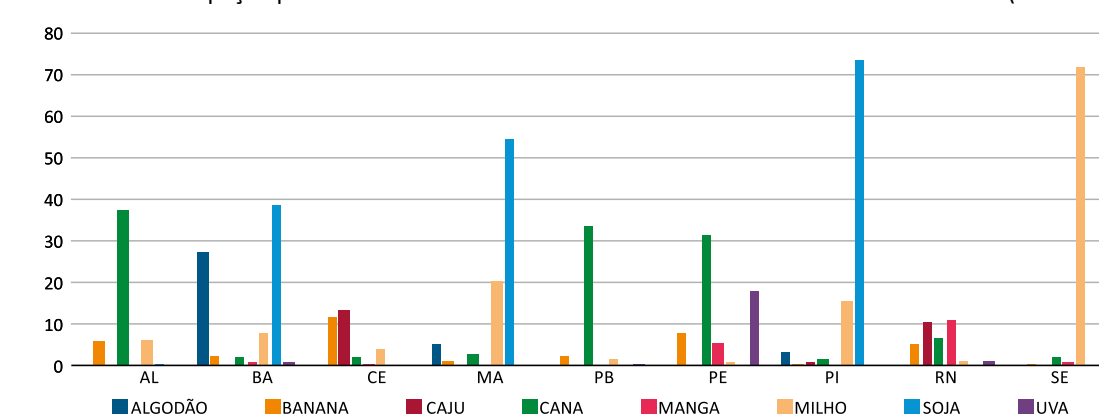
Nota-se, por exemplo, uma queda na participação da uva em Pernambuco, que passou de 33,8% no primeiro período para 17,9% no segundo. A cana-de-açúcar em Sergipe também se reduziu bastante em contrapartida ao aumento no financiamento de milho. O Maranhão passou a financiar praticamente soja (54,5%).

**Gráfico 17 – Participação percentual das culturas nos financiamentos dos estados do Nordeste em termos relativos (2010-2014)**



Fonte: BNB (2020).

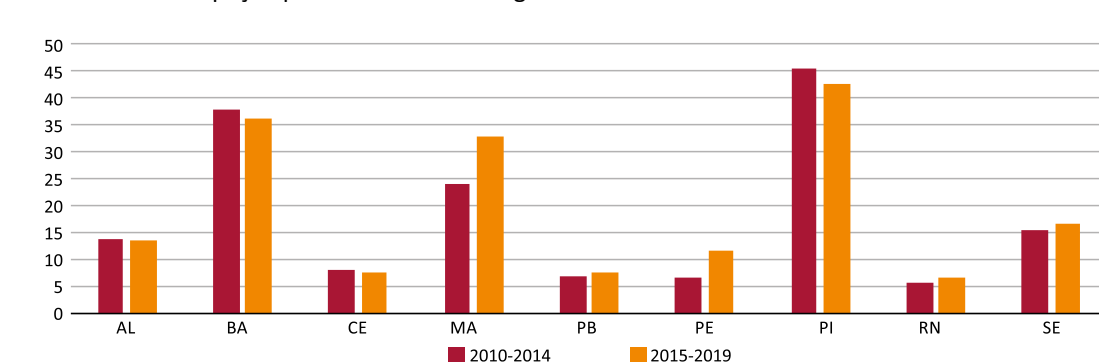
**Gráfico 18 – Participação percentual das culturas nos financiamentos dos estados do Nordeste (2015-2019)**



Fonte: BNB (2020).

Em termos de participação do setor agrícola em relação aos recursos destinados aos estados verificam-se as maiores variações positivas para Pernambuco (72,4%) e Maranhão (37,2), com aumento da cana de açúcar e da soja, respectivamente (Gráfico 19). No caso do Maranhão, os financiamentos sempre foram concentrados na agropecuária e assim continuaram, com aumento nesse setor e no de comércio e serviços.

**Gráfico 19 – Participação percentual do setor agrícola nos financiamentos aos estados do Nordeste**





## 4.2 Pecuária

A bovinocultura é de longe a atividade mais financiada no setor pecuário nordestino, embora tenha havido redução de 22,2% nos financiamentos entre os dois períodos (Tabela 11). Desde a criação do FNE, a bovinocultura sempre teve um elevado percentual de financiamento em relação às outras atividades pecuárias, principalmente a bovinocultura de corte e leite.

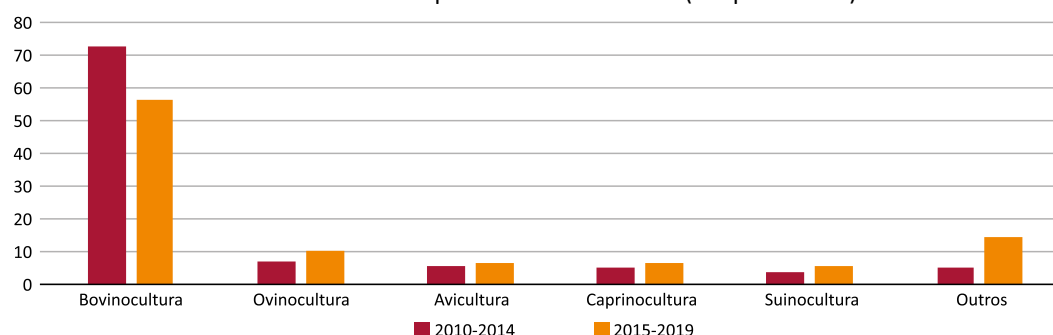
**Tabela 11** – Financiamento das atividades pecuárias no Nordeste (Em percentual)

PRODUTO	2010-2014	2015-2019	VARIAÇÃO
Bovinocultura	73,0	56,8	-22,2
Ovinocultura	7,2	10,1	39,9
Avicultura	5,7	6,4	12,9
Caprinocultura	5,0	6,5	28,8
Suinocultura	3,9	5,5	42,6
Outros	5,2	14,7	182,7
<b>Total Geral</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: BNB (2020).

O perfil dos financiamentos no setor pecuário continuou o mesmo, com o grande percentual de recursos destinados à bovinocultura (Gráfico 20). Por outro lado, observam-se variações positivas, entre os dois períodos, no que se refere às outras criações, qual seja 42,6% nos financiamentos à suinocultura e 39,9% na ovinocultura, principalmente. Entretanto, tais acréscimos não geram impacto em razão do pequeno montante envolvido (Tabela 11).

**Gráfico 20** – Financiamento das atividades pecuárias no Nordeste (Em percentual)



Fonte: BNB (2020).

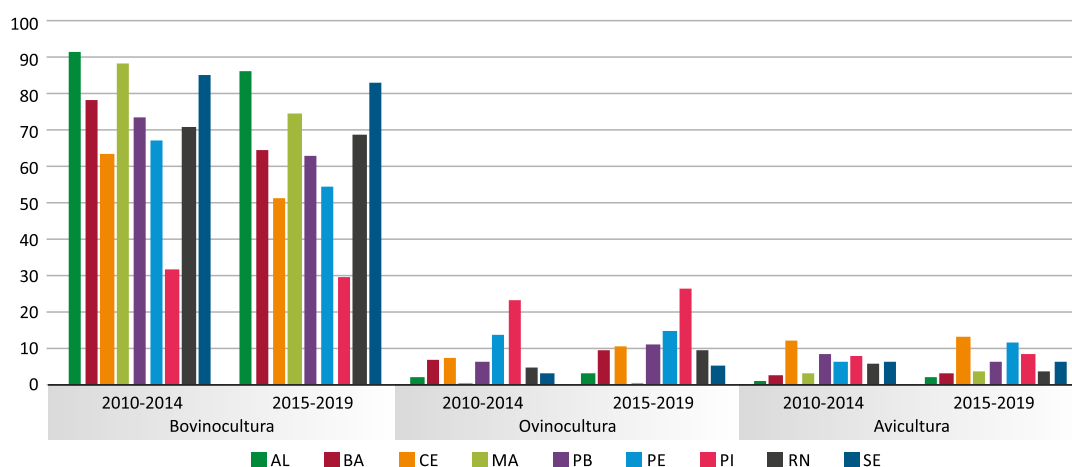
Quando se observa a participação dos financiamentos nos estados, percebe-se o mesmo perfil ao longo do tempo. Alagoas, Maranhão e Sergipe financiam fortemente a atividade de bovinocultura dentro do setor pecuário, dado que mais de 80,0% dos recursos do FNE se destinam a esse segmento nesses estados (Tabela 12, Gráfico 21). O segundo produto com maior percentual de financiamento é a ovinocultura, financiado principalmente no Piauí e em Pernambuco. O Ceará se destaca na Avicultura.

**Tabela 12** – Financiamento das atividades pecuárias no Nordeste por estado (Em %)

UF	Bovinocultura		Ovinocultura		Avicultura	
	2010-2014	2015-2019	2010-2014	2015-2019	2010-2014	2015-2019
AL	91,3	86,1	1,9	3,1	1,3	2,2
BA	78,2	64,5	6,7	9,6	2,8	3,2
CE	63,7	51,1	7,3	10,7	12,1	13,2
MA	88,5	74,8	0,4	0,5	3,2	3,5
PB	73,7	63,0	6,3	10,9	8,4	6,3
PE	67	54,5	13,6	14,8	6,1	11,9
PI	31,7	29,4	23,1	26,6	7,9	8,4
RN	70,9	68,7	5,0	9,3	5,8	3,7
SE	85,1	83,1	3,0	5,2	6,2	6,1

Fonte: BNB (2020).

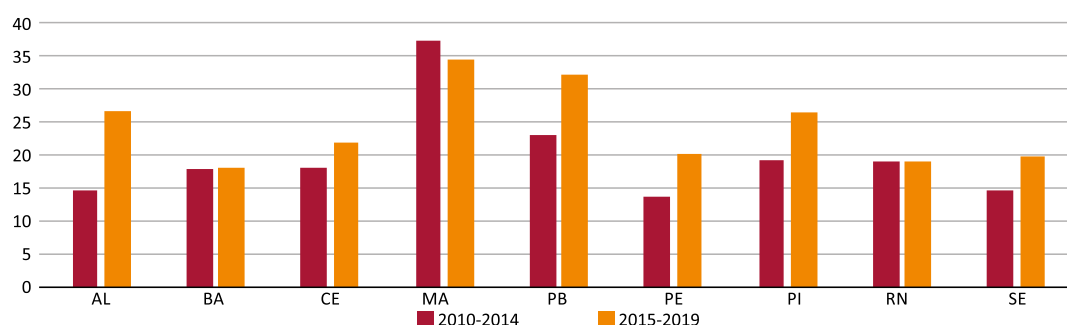
Gráfico 21 – Participação percentual dos produtos pecuários nos financiamentos aos estados do Nordeste



Fonte: BNB (2020).

No gráfico 22 se observa qual o percentual destinado à pecuária no total de financiamentos direcionados a cada estado. Verifica-se aumento de participação na maior parte dos estados.

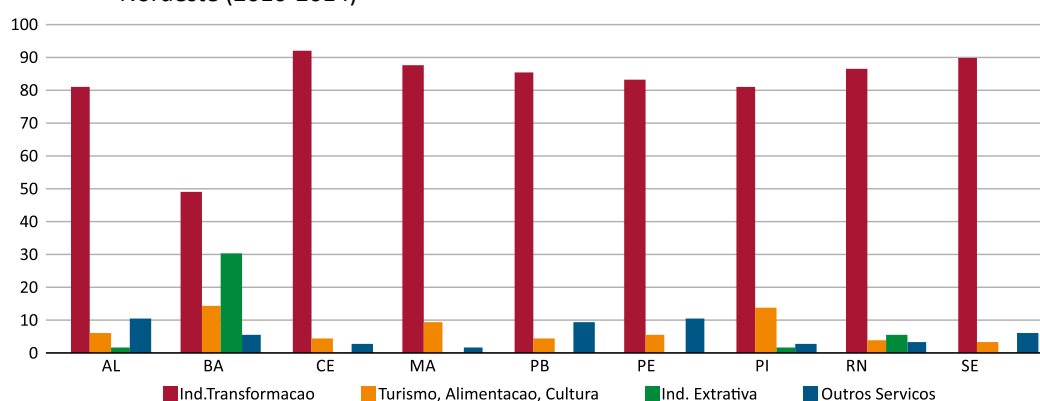
Gráfico 22 – Participação percentual da Pecuária nos financiamentos aos estados do Nordeste



## 4.3 Indústria

Durante a expansão (2010-2014), o FNE destinou para a indústria do Nordeste um volume de R\$ 22,9 bilhões, em valores reais de 2019, sendo 80,0% desse valor para o financiamento da indústria de transformação, que se sobressai em todos os estados nordestinos. Como se pode ver no Gráfico 23, a indústria de transformação tem participação acima de 80,0% para quase todos os estados, exceto para a Bahia, que tem na indústria extrativa um percentual de 30,5% no período.

Gráfico 23 – Participação percentual dos subsetores industriais nos financiamentos aos estados do Nordeste (2010-2014)

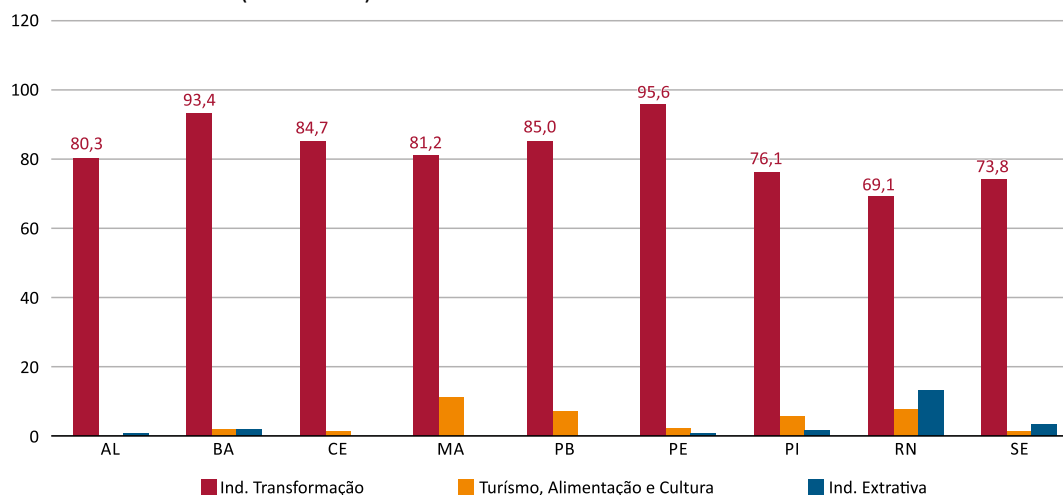


Fonte: BNB (2020).

No período de recessão (2015-2019), o total financiado na indústria caiu para R\$ 8,2 bilhões, entretanto, o percentual de participação dos segmentos variou pouco. A indústria de transformação continuou a ocupar o primeiro lugar com uma média de 82,0% dos recursos e os outros segmentos apresentaram uma pequena queda, conforme se observa no Gráfico 24.

É importante perceber que o Estado da Bahia foi o que apresentou a maior variação entre as atividades, reduzindo o financiamento para a indústria extrativa e financiando mais a indústria de transformação, que passou de um percentual de 49,1% no primeiro período para 93,4% no último.

**Gráfico 24 – Participação percentual dos subsetores industriais nos financiamentos aos estados do Nordeste (2015-2019)**

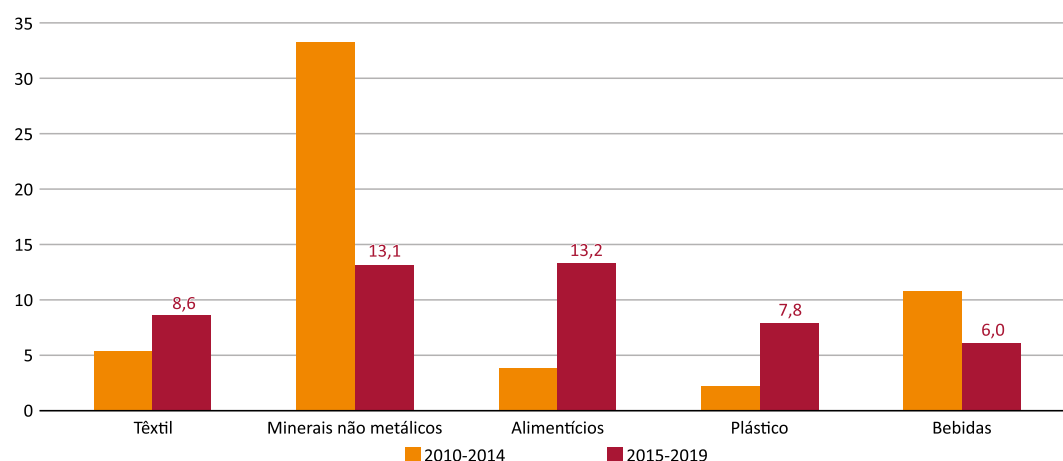


Fonte: BNB (2020).

Conforme se observa no Gráfico 25, a principal atividade da indústria de transformação no Nordeste, em termos proporcionais, principalmente no primeiro período, foi a produção de minerais não metálicos, presente em todos os estados.

Atividades como produtos químicos e bebidas, que também foram bastante financiados no período de expansão, deram lugar ao maior financiamento da produção de outros bens como alimentícios, plásticos e têxteis.

**Gráfico 25 – Participação percentual das principais atividades da indústria de transformação no Nordeste**



Fonte: BNB (2020).

\*percentual de participação no total

Os produtos alimentícios tiveram grande crescimento nos financiamentos do FNE, dentro da indústria de transformação, no período de 2015 a 2019. Observou-se acréscimo significativo de participação principalmente nos estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe, de acordo com a Tabela 13 e o Gráfico 20.

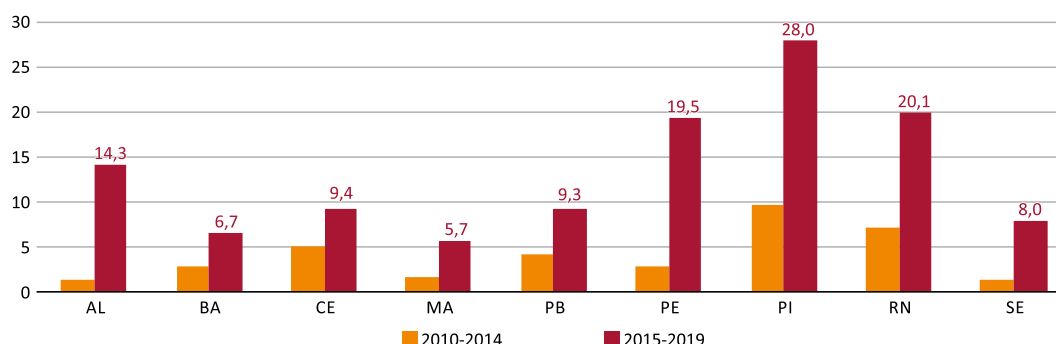
Tabela 13 – Financiamento de produtos alimentícios por estado do Nordeste Em (%)

	Alimentos	
	2010-2014	2015-2019
AL	1,5	14,3
BA	3,0	6,7
CE	5,1	9,4
MA	1,7	5,7
PB	4,2	9,3
PE	2,9	19,5
PI	9,8	28,0
RN	7,2	20,1
SE	1,5	8,0

Fonte: BNB (2020).

Pode-se inferir que, como o ramo de alimentos encontra seus insumos principais - máquinas e mão de obra qualificada - no mercado nacional e, portanto, não alcança níveis de sofisticação tecnológica comparáveis aos dos outros ramos, isso facilita sua produção em períodos de recessão. Por outro lado, essas mesmas características do ramo o destacam como exportador em potencial (vantagens comparativas), gerador de empregos e, assim, fonte de redistribuição de renda (HATTNER,1978).

Gráfico 26 – Financiamento de produtos alimentícios por estado do Nordeste (%)

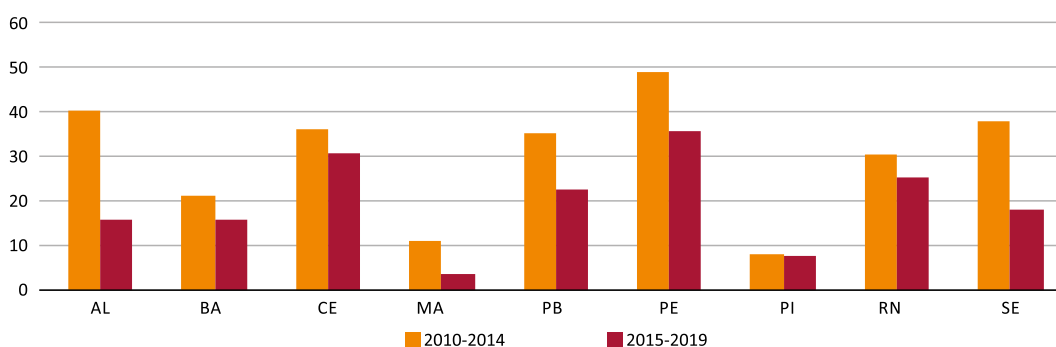


Fonte: BNB (2020).

Em termos de participação do setor industrial em relação aos recursos destinados aos estados verificam-se as maiores variações negativas para o Maranhão (76,5 %), Alagoas (73,6%) e Sergipe (67,9%), de acordo com o Gráfico 27.

No caso do Maranhão, os financiamentos nunca foram concentrados na indústria, mas na agropecuária e assim continuaram, com aumento nesse setor e no de comércio e serviços. Por outro lado, o estado de Alagoas no primeiro período recebeu para a indústria 40,5% dos financiamentos totais ao estado, passando, no segundo período a financiar principalmente a Agropecuária e o Setor de comércio e serviços. No caso de Sergipe, os financiamentos eram maiores na indústria, seguido da agropecuária, mas no segundo período, a grande queda na indústria teve em contrapartida aumento no setor de comércio e serviços.

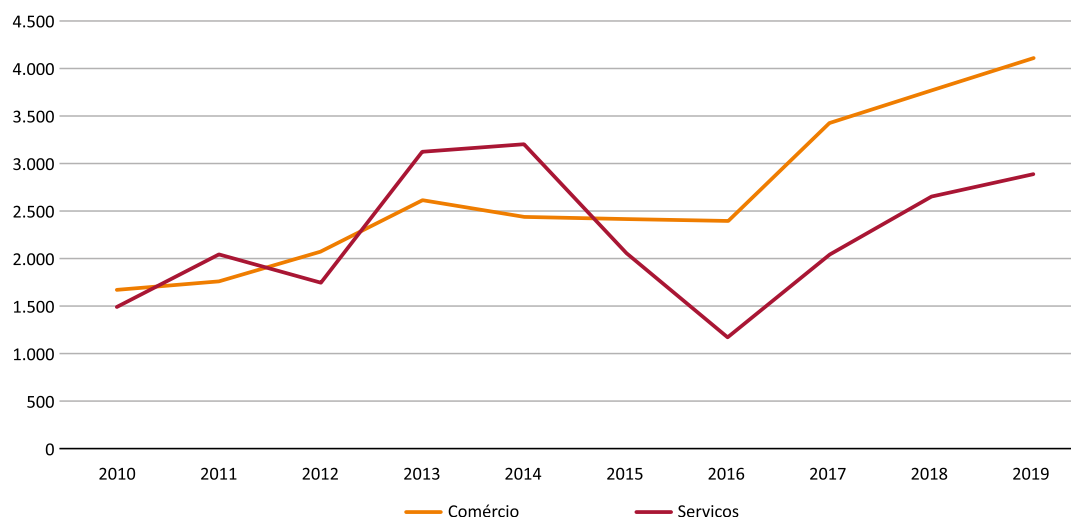
Gráfico 27 – Participação percentual do setor industrial nos financiamentos aos estados do Nordeste



## 4.4 Comércio e serviços

Os financiamentos do FNE para os dois setores têm uma trajetória ascendente em termos de valores ofertados, tendo financiado no Nordeste o valor de aproximadamente R\$ 22,0 bilhões no primeiro período e R\$ 27,0 bilhões no segundo período (Gráfico 28).

Gráfico 28 – Financiamento aos setores de comércio e serviços no Nordeste – (R\$ milhão)

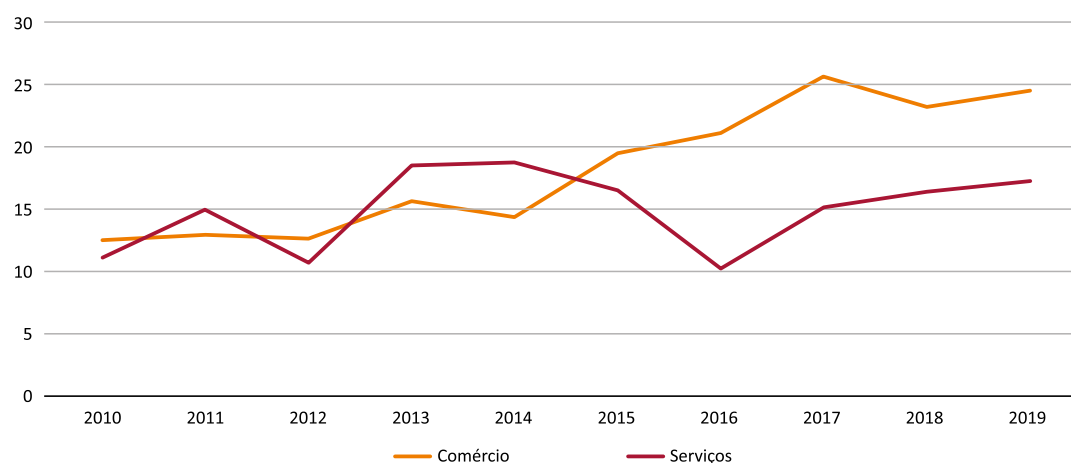


Fonte: BNB (2020).

Observa-se que no período de 2010 a 2014, os valores foram ascendentes, com maior predominância do setor de serviços. Nos anos de 2015 e 2016, quando iniciou o período de recessão, houve uma queda significativa nos financiamentos ao setor de serviços, em torno de 70,0% no biênio, voltando a crescer em 2017. Por outro lado, o setor comércio apresenta uma curva ascendente desde o início do período.

Quando se observa a participação percentual nos financiamentos dos dois setores (Gráfico 29), fica clara a divisão de recursos bastante próxima no início do período. Mas a partir de 2014, há uma tendência de queda na participação dos serviços e um salto positivo na participação do comércio.

Gráfico 29 – Financiamento aos setores de comércio e serviços no Nordeste – (Em percentual)



Fonte: BNB (2020)

### Setor de Comércio

Em uma análise por segmento, pode-se observar que o maior volume de financiamento nesse setor se destinou ao comércio varejista, nos dois períodos, com participação acima de 70,0% do total, financiando, principalmente, mercadorias alimentícias para mercearias, minimercado e supermercados, seguido de combustíveis e lubrificantes (Tabela 14).

Tabela 14 – Financiamento das atividades de comércio no Nordeste (Em %)

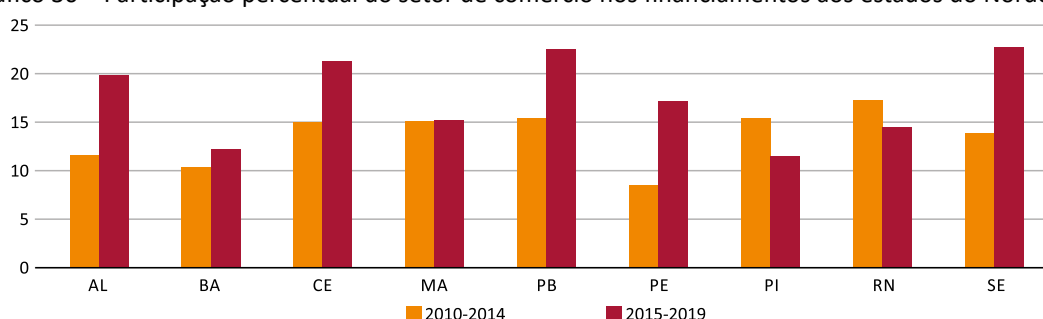
Atividades	2010-2014 (%)	2015-2019 (%)
Comércio Varejista	79,9	71,4
Comércio Atacadista	14,9	24,6
Alimentação	2,4	2,9
<b>Total Comércio</b>	<b>97,2</b>	<b>98,8</b>

Fonte: BNB (2020).

Em termos de participação do setor comércio em relação aos recursos destinados aos estados verificam-se as maiores variações positivas para Pernambuco (98,7 %), Alagoas (70,8%) e Sergipe (62,6%), com a maior parte dos recursos destinada ao comércio varejista (Gráfico 30).

No Piauí e Rio Grande do Norte, a redução de financiamentos ao comércio se deve a maiores financiamentos na agricultura e infraestrutura, respectivamente.

Gráfico 30 – Participação percentual do setor de comércio nos financiamentos aos estados do Nordeste



Fonte: BNB (2020).

## Setor de Serviços

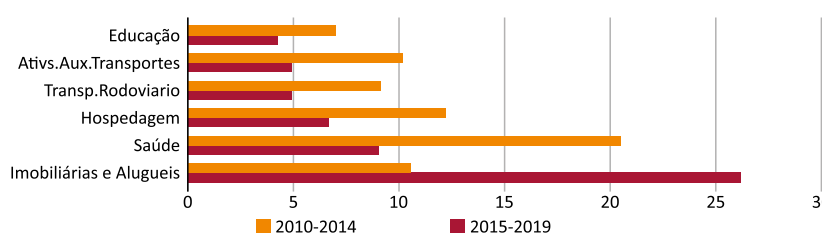
Países que desejam alcançar níveis maiores de desenvolvimento, melhorar as condições de vida de suas populações e aumentar a competitividade das suas empresas não podem fazê-lo sem um setor de serviços dinâmico e bem estruturado. O setor de serviços é de grande importância no que diz respeito à criação de firmas e de empregos no Brasil. Em 2003, os serviços mercantis não financeiros empregavam quase 7 milhões de trabalhadores formais, montante superior ao empregado no comércio e na indústria (IPEA, 2006).

Os financiamentos do FNE para o setor de serviços apresentaram-se com queda entre os dois períodos, em termos de valores médios. No período 2010-2014, o FNE destinou R\$ 11,6 bilhões ao setor. Nos anos de recessão (2015-2019), esse valor caiu para R\$ 10,8 bilhões.

As seis atividades apresentadas no Gráfico 31 englobaram 55,8% dos recursos no primeiro período e 69,4% no segundo período, havendo crescimento em quase todas essas atividades, com exceção de Imobiliárias e aluguéis.

Os financiamentos para o segmento de saúde, por exemplo, aumentaram 126,3% entre os dois períodos, sendo financiada principalmente a parte de atendimento hospitalar. O Estado da Bahia foi o maior beneficiado nesse setor. Com respeito à Educação, o segmento mais beneficiado foi a educação superior em todos os estados, principalmente Paraíba, Bahia e Ceará (Gráfico 31).

Gráfico 31 – Financiamento das principais atividades de serviços no Nordeste – Em %



Fonte: BNB (2020).

Os recursos aplicados pelo setor de serviços foram destinados no primeiro período principalmente a Pernambuco (22,7%) e Ceará (21,8%). No segundo período, o maior volume de recursos do setor de serviços foi direcionado para a Bahia (29,5%).

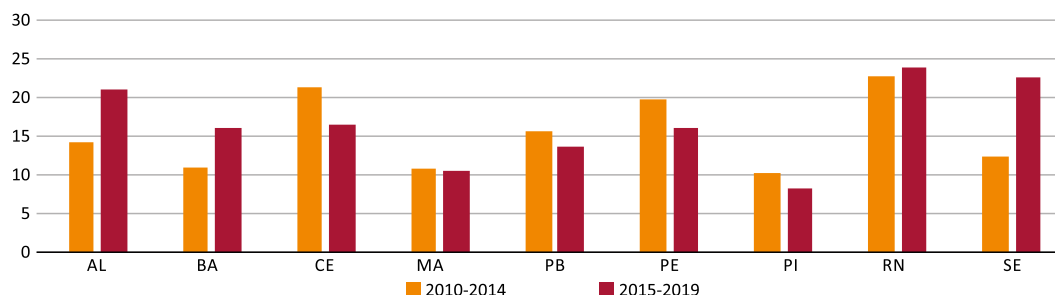
Tabela 15 – Participação percentual dos estados do Nordeste em relação ao total de recursos do Setor de Serviços.

ESTADO	2010-2014 (%)	2015-2019 (%)	VARIÇÃO
AL	4,7	6,0	27,7
BA	17,0	29,5	73,5
CE	21,8	14,3	-34,4
MA	8,2	9,0	9,8
PB	5,3	5,4	1,9
PE	22,7	13,7	-39,6
PI	6,0	5,3	-11,7
RN	9,5	10,3	8,4
SE	4,8	6,6	37,5
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	

Fonte: BNB (2020).

Em termos de participação do setor de serviços em relação aos recursos destinados aos estados (Gráfico 32), verificou-se queda em quase todos no período de 2015-2019. Por outro lado, Sergipe apresentou uma variação positiva de 83,6%, além de Alagoas e Bahia com cerca de 48,0%.

Gráfico 32 – Participação percentual do setor de serviços no total de financiamento aos estados do Nordeste



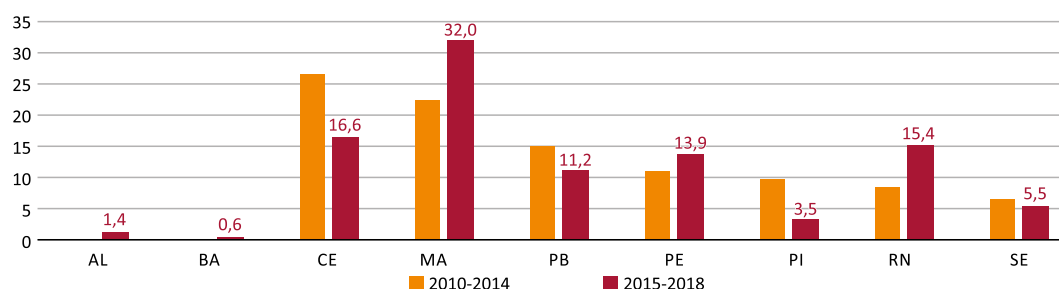
Fonte: BNB (2020).

## 4.5 Infraestrutura

O setor de infraestrutura recebeu do FNE um total de R\$ 6,7 bilhões, a preços de 2019, no período de 2010-2014. Para o financiamento da estrutura de energia elétrica no Nordeste, foi destinado o equivalente a 63,6% do total de recursos aplicados no setor. O estado mais beneficiado foi o Rio Grande do Norte, com 26,6% dos recursos destinados à energia.

No período de 2015 a 2019, o setor de infraestrutura recebeu R\$ 32,0 bilhões, tendo aplicado em energia elétrica cerca de 80,0% do total investido no setor. O estado mais beneficiado com energia elétrica foi a Bahia, com 32,0%. (Gráfico 33).

Gráfico 33 – Energia elétrica – percentual de participação por estado no Nordeste



Fonte: BNB (2020).



Observa-se considerável variação positiva entre os períodos, especificamente para o setor de eletricidade, gás e água.

É interessante notar que o setor de infraestrutura se apresenta com o menor percentual de financiamento em todos os estados no período de 2010 a 2014, em relação aos demais setores. Entretanto, no período seguinte sobressai-se nos estados da Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte com percentuais expressivos. O principal subsetor financiado nesses estados foi o energético.

## CONCLUSÕES

O FNE aplicou em toda a Região Nordeste, no período de 2010-2014, o montante de R\$ 84,0 bilhões, sendo os estados mais beneficiados a Bahia, Pernambuco e Ceará, perfazendo, juntos, 57,3% dos recursos. O estado menos beneficiado foi Alagoas, com apenas 4,7% dos recursos.

No período de recessão (2015-2019), o valor financiado foi de R\$ 102,1 bilhões, permanecendo os três estados já citados como os que mais receberam recursos. Por outro lado, Sergipe e Alagoas foram os menos financiados.

A primeira questão desse trabalho foi verificar se os financiamentos beneficiam sempre as mesmas atividades nos estados, de acordo com a vocação do município, independentemente da situação econômica do momento ou, se em períodos de recessão, há o surgimento de novas atividades capazes de gerar mais emprego.

No caso da agricultura, os principais produtos financiados são soja, algodão e milho, independente da conjuntura econômica, sendo os dois primeiros financiados no Maranhão, Piauí e Bahia e o milho em Sergipe. Não se observou surgimento de novas atividades significativas nesse setor.

No que se refere à pecuária, observou-se que todos os estados, sem exceção, têm a bovinocultura como principal produto, sendo Alagoas, Maranhão e Sergipe os que financiam mais fortemente essa atividade dentro do setor pecuário, dado que mais de 80,0% dos recursos do FNE destinados ao setor, nesses estados, foram aplicados nessa atividade ao longo do tempo. A pecuária é, assim, a atividade mais financiada com o maior volume de recursos do FNE ao longo dos períodos.

Cabe ressaltar que essa afirmação não inclui os recursos destinados ao setor de infraestrutura, por serem valores muito altos, sem termo de comparação.

Dos recursos destinados pelo FNE para a indústria no Nordeste, cerca de 80% foram direcionados para o financiamento da indústria de transformação, que se sobressai em todos os estados nordestinos, com a produção de minerais não metálicos, presente nos dois períodos. Entretanto, os produtos alimentícios tiveram grande crescimento nos financiamentos do FNE, dentro da indústria de transformação, no período de 2015 a 2019. O estado que mais recebeu recursos para a indústria foi Pernambuco, nos dois períodos.

Os financiamentos do FNE para os setores de comércio e de serviços, em conjunto, apresentam uma trajetória ascendente em termos de valores, tendo financiado no Nordeste aproximadamente R\$ 22,2 bilhões no primeiro período e R\$ 27,0 bilhões no segundo.

No período de expansão econômica, Rio Grande do Norte e Ceará tiveram financiamentos direcionados principalmente para comércio e serviços. No período de recessão apresentam-se Sergipe e Alagoas, seguidos do Ceará, com maiores percentuais de financiamento do setor.

Entre os segmentos de comércio, a atividade que recebeu maior volume de financiamento foi o comércio varejista nos dois períodos, com participação acima de 70,0% do total, financiando, principalmente, mercadorias alimentícias para mercearias, mini mercado e supermercados, seguido de combustíveis e lubrificantes.

O financiamento ao setor de serviços beneficiou, no primeiro período, principalmente a atividade de aluguéis e imobiliárias, mas após 2015 o FNE passou a financiar fortemente o segmento de saúde. Nesse contexto, mais do que uma nova atividade que surgiu, foi a criação de linhas de crédito que atendessem a esse nicho de atividade.

Em resumo, com relação às atividades econômicas, as mais financiadas, no Nordeste, em todos os períodos foram bovinocultura, comércio varejista e grãos. No primeiro período, houve também um significativo financiamento à indústria na atividade de minerais não metálicos, o que já não ocorre no período de recessão, quando se verifica maior financiamento ao setor de alimentos. Também durante o

período de recessão, observou-se um elevado valor de financiamento à infraestrutura, especificamente para as atividades de distribuição de energia, gás e água.

Todas essas atividades apresentaram crescimento entre os períodos, o que significa que, com exceção do maior financiamento ao setor de alimentos na indústria no período de recessão, a concentração dos financiamentos nas mesmas atividades é algo que se perpetua ao longo do tempo.

A segunda questão do estudo foi verificar se foi observado crescimento dos financiamentos em determinado setor econômico em períodos de expansão econômica ou de recessão.

Quanto a essa questão, a maior variação de participação percentual entre os setores ocorreu no setor industrial que sofreu queda de 67,6% entre os dois períodos estudados. Entretanto, a queda de financiamento ao setor, em anos recentes, não se deveu somente ao período de recessão, dado que o Brasil já vinha sofrendo um processo de desindustrialização. Entre os anos de 2010 a 2014, estados como Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Paraíba puxaram a média dos financiamentos para cima, atingindo 27,2%, com relação aos outros setores. Por outro lado, no período seguinte, a média dos financiamentos à indústria no Nordeste caiu para 9,0%.

No caso da indústria, atividades como produtos químicos e bebidas, que foram bastante financiados no período de expansão, deram lugar a um maior financiamento da produção de outros bens como os alimentícios e os produtos plásticos. Nos alimentícios, observou-se crescimento significativo em Alagoas, Pernambuco e Sergipe entre os períodos de expansão e de recessão.

O setor de comércio e o de serviços vêm crescendo em termos de financiamento nos últimos anos em virtude, primeiro, de uma tendência mundial das economias se tornarem mais terciárias à medida que ficam mais maduras. Em segundo lugar, o BNB criou linhas de financiamentos para atender a empresários do setor.

Entretanto, em termos de participação, os serviços foram mais financiados no primeiro período, caindo substancialmente no segundo, enquanto o comércio crescia na mesma proporção no período de recessão.

Neste ponto, pode-se fazer duas análises distintas quanto ao crescimento/queda na participação dos setores. A primeira, quando não se considera o setor de infraestrutura, por serem valores bastante altos no ano de 2018 e a segunda, considerando esse setor.

Agricultura e pecuária participam com os maiores percentuais nos financiamentos, qualquer que seja a forma de análise, mas quando se exclui o setor de infraestrutura, observa-se maior crescimento na participação tanto da agricultura como da pecuária, a indústria continua com grande queda de participação, mas os serviços passam a ter variação positiva e o comércio apresenta um crescimento muito maior.

Considerando-se o segundo caso, ou seja, os financiamentos à infraestrutura, quase todos os setores se retraem, com exceção do comércio e da própria infraestrutura. O aumento da participação do comércio foi decorrente do crescimento de 30,0% nos financiamentos ao comércio varejista. A bovinocultura, por outro lado, sofreu pequena retração, em oposição aos grãos, cujo crescimento foi expressivo.

Conclui-se que o FNE tem contribuído para dinamizar a economia dos estados nordestinos, financiando atividades que contemplam a vocação de cada um deles. Percebe-se que a destinação dos financiamentos dentro dos setores não muda ao longo do tempo, mesmo em período de recessão. Entretanto, é muito importante registrar a ausência de financiamento para atividades inovadoras e de cunho tecnológico, cabendo investigar se por falta de projetos viáveis ou por falta de linha de crédito adequada a este tipo de investimento.

Por fim, a revelação de que o FNE emprestou o maior volume de recursos no período de recessão, mostra a sua importância para o segmento produtivo e a relevância do estudo recém-concluído. Além disso, os resultados das análises contribuem para ampliar o conhecimento do que vem sendo gerado nos estados nordestinos a partir dos financiamentos do Fundo, em diferentes conjunturas, permitindo entender: se os financiamentos beneficiaram sempre as mesmas atividades nos estados, de acordo com a vocação do município, independentemente do nível da atividade econômica do momento; se em períodos de recessão, houve o surgimento de novas atividades capazes de gerar mais emprego; se houve crescimento ou redução dos financiamentos em determinado setor econômico em períodos de expansão econômica ou de recessão; se existe um trabalho de incentivo ao financiamento de atividades promissoras.

## REFERÊNCIAS

Banco do Nordeste do Brasil – BNB. **Base do ativo do FNE**: 2010-2014; 2015-2019. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2020.

BEZERRA, Francisco J. A. et al. (org.) **Perfil Socioeconômico de Alagoas** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2015.

RATTNER, Henrique. Aspectos econômicos e tecnológicos da indústria de alimentos brasileira. **Rev. Adm. Empres.** São Paulo. v. 18, n. 3, July/Sept. 1978.

SILVA, José A. A desindustrialização na Região Nordeste. **Interações (Campo Grande)**. Campo Grande, v. 20, n. 1, jan./mar. 2019.

JORNAL DA GLOBO. **Comércio no Brasil tem desempenho ruim em 2016**. 13 fev. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2017/02/comercio-no-brasil-tem-desempenho-ruim-em-2016.html>. Acesso em: 13 fev. 2017.

VIDAL, A.R.N.; ALVES, F.C.D. Análise das contas regionais. **Revista de Conjuntura Econômica**. Fortaleza, v. 2, n. 4, abr, 2017.

BARBOSA FILHO, F.H. A crise econômica de 2014/2017. **Estud. Av.** São Paulo. v. 31, n. 89. Jan./Apr. 2017.

BACEN. SGS - Sistema Gerenciador de Séries Temporais, Disponível em <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em 20.mar.2020

IBGE. SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>. Acesso em 14.mar.2020.

MORCEIRO. Paulo **Desindustrialização contribuiu negativamente para o desenvolvimento brasileiro**. 11.dez.2018. Disponível em <https://valoradicionado.wordpress.com/2018/12/11/desindustrializacao-contribuiu-negativamente-para-o-desenvolvimento-brasileiro/>. Acesso em mar.2020.